

MOREIRA ALMEIDA, Alexander; COSTA, Marianna Abreu; COELHO, Humberto Schubert. **Science of life after death**. Cham, Switzerland: Springer, 2022. 96 f.

Brasil Fernandes de Barros *
Carlos Frederico Barboza de Souza**

O livro “*Science of life after death*”, escrito por Alexander Moreira-Almeida, Humberto Coelho Schubert e Mariana de Abreu Costa, publicado pela editora Springer em 2022, em inglês, e com tradução em português em 2023, pela Editora Ampla, com o título: “**Ciência da vida após a morte**”, quer abordar o conhecimento que se tem produzido até o momento sobre a possibilidade de uma vida após a morte. Para isto, faz uma apresentação histórica acerca das abordagens existentes sobre esta temática para, em seguida, apresentar as concepções contemporâneas e o status das pesquisas a este respeito.

Seus autores são provenientes da área médica (Alexander Moreira-Almeida – UFJF – e Mariana de Abreu Costa são psiquiatras) e da filosofia (Humberto Coelho Schubert – UFJF), todos eles vinculados ao Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde (NUPES).

Sendo prefaciado pelo renomado autor C. Robert Cloninger, da Washington University School of Medicine, possui cinco capítulos, mais introdução e conclusão, todos numerados de 1 a 8.

Na introdução são traçados os objetivos da obra e é apresentada uma visão geral a respeito de como a crença na vida após a morte tem sido vista pela humanidade desde os tempos antigos e como ela ainda é tratada por grande parte

Resenha recebida em 01 de fevereiro de 2023 e aprovado em 3 de março de 2023.

* Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: brasil@netinfor.com.br.

** Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. País de origem: Brasil. E-mail: fred@pucminas.br

das sociedades ocidentais modernas. Afirma-se que a questão da sobrevivência da personalidade do ser humano após a morte do corpo teria consequências importantes para as dimensões práticas, existenciais e éticas da vida, bem como para a saúde mental e para a relação que as pessoas teriam com o processo de luto. Entretanto, para muitos, a crença geral de grande parte das pessoas a respeito da vida após a morte é apenas uma questão de ordem religiosa, não sendo objeto de investigações empíricas. Tendo isto em vista, os autores afirmam que há mais de 150 anos de pesquisa científica sistemática sobre sobrevivência após a morte, envolvendo brilhantes mentes científicas e filosóficas, e que o livro apresentará as melhores evidências empíricas disponíveis sobre esta realidade. Serão discutidas também diversas abordagens de ordem filosófica, ideológica e metodológica que se apresentam como contra concepções de possibilidade de sobrevivência após a morte. Por fim, concluem que os preconceitos culturais e psicológicos são muitas vezes os principais obstáculos para que se aceite a sobrevivência após a morte como um fato da natureza.

No capítulo 2, *“The idea of survival of the soul in the history of religions and philosophy”*, “A ideia da sobrevivência da alma na história das religiões”, em tradução livre, parte-se da concepção de que há uma relação entre a sobrevivência da consciência e a espiritualidade, esta entendida como possuindo seu sentido último em uma transcendência sagrada. Como muitas das abordagens acerca de alguma sobrevivência de alma/espírito/mente após a morte vêm eivada de concepções dogmáticas, a proposta é que se parta de uma “desapaixonada, perspectiva cética, dando voz a quaisquer fatos que mereçam ser analisados” (p. 5). Também é apresentada a questão da quase que universal presença da crença na sobrevivência da alma entre diversas culturas e pensadores. Entretanto, esta ideia possui simultaneamente universalidade e ambiguidade em relação à diversidade de concepções, uma vez que há a carência de um único conceito, concepção ou perspectiva para abordar esta questão. Entretanto, neste capítulo faz-se a opção pela concepção de que a parte que sobrevive após a morte, baseada na sugestão dos conhecimentos naturais, seja concebida como independente do corpo. A partir daí, desenvolve-se um levantamento das menções à sobrevivência da alma, iniciando com o texto mais antigo conservado, o Gilgamesh, da tradição épica babilônica, e passando por outras tradições religiosas e a realidade dos

sonhos e as experiências “fora do corpo”. Em seguida, o texto aborda as concepções filosóficas de vida após a morte, trazendo Platão, Aristóteles, Kant e Fichte, dentre outros. Por fim, discute-se a negação metafísica da vida após a morte presente em muitos autores. Esta negação, muitas vezes, vem travestida de uma ideia prévia de que ciência e religião se opõem.

No capítulo 3, “*Setting the Scene: Addressing the Main Arguments Against Survival Hypothesis*”, “Montando a cena: levantando os principais argumentos contra a hipótese da sobrevivência”, em tradução livre, se procura apresentar os argumentos contrários à sobrevivência de algo após a morte. Este capítulo é dividido em cinco partes: “A neurociência ‘prova’ que o cérebro gera a mente”; “Princípio da parcimônia – devemos explicar a mente apenas com base material”; “Não há mecanismo para explicar como a mente influenciaria o cérebro”; “A ciência provou o fisicalismo e a sobrevivência implica em sobrenaturalismo” e, por fim, “A sobrevivência implica em dualismo cartesiano que é rejeitado por pessoas instruídas”. Nestas cinco partes os autores procuram afirmar que essas objeções normalmente apresentam argumentos com base em suposições metafísicas e filosóficas equivocadas e que na maioria das vezes estariam relacionadas a um compromisso ideológico com o fisicalismo. Os autores argumentam que não haveria nenhum argumento sólido ou evidências empíricas que forcem a rejeição *a priori* da hipótese da sobrevivência para o que eles chamam de experiências anômalas e espirituais e que são discutidas no livro. Assim, a hipótese da sobrevivência deve ser levada em consideração por meio de um exame rigoroso, justo e de mente aberta e não rejeitada *a priori*, que indicaria uma postura dogmática e anticientífica.

“*What would constitute evidence for personal survival after death?*” é o título do capítulo 4 (“O que constituiria evidência para a sobrevivência pessoal após a morte?”, em tradução livre). Inicialmente, apresenta uma breve discussão acerca do conhecimento científico, considerando ser a ciência a única mediação possível entre “crença e descrença, convicção dogmática e dogmático ceticismo” (p. 27), além de afirmar que a ciência baseada em evidências não pode se ater a apenas uma evidência como critério de verdade. Conceção importante na discussão deste capítulo é que não se deve dogmaticamente excluir, pelo menos

a priori, concepções não-fisicalistas, metafísicas ou “ideologicamente comprometidas”. Em seguida, os autores passam a discutir, como forma de se chegar à discussão da sobrevivência após a morte, a identidade pessoal e como se pode saber da existência de outras mentes, uma vez que só há certeza acerca de nossa própria mente, como assevera René Descartes no *cogito*. Podemos saber da existência de outras mentes por meio de evidências indiretas: a percepção da existência de outros corpos que se comportam como os nossos e se expressam como se também pensassem, sentissem, tivessem desejos e senso de existência. Desta forma, pode-se identificar a presença de uma determinada personalidade, mesmo em um corpo completamente desfigurado devido a um terrível acidente, por um padrão específico de qualidades mentais ou por meio da percepção de uma continuidade de qualidades psicológicas. Entretanto, como fazer para identificar a sobrevivência de uma personalidade quando há a morte corporal? Buscando-se, respondem os autores, elementos que indicassem a persistência de um “ser pensante”, um “eu” que ainda estivesse ativo, a saber: uma “nova memória verificável e evidência de vontade, qualidades pessoais, afeições, metas peculiares, humor, maneirismo, etc., sobre novos eventos e situações” (p. 30). Alega-se, assim, que se esse tipo de evidência for encontrado de forma consistente, especialmente por diferentes pesquisadores usando métodos diferentes e investigando fenômenos diferentes, eles seriam suficientes para indicar a sobrevivência à morte corporal.

No capítulo 5, intitulado “*The best available evidence for life after death*” ou “As melhores evidências disponíveis sobre a vida após a morte”, em tradução livre, o mais longo da obra, os autores apresentam o que eles entendem ser as principais evidências científicas para a hipótese da sobrevivência da consciência após a morte do corpo através de estudos acerca da mediunidade, de experiências de quase morte (EQM) e fora do corpo (EFC), e acerca da reencarnação. Sobre a mediunidade, o capítulo apresenta inicialmente um breve histórico de aspectos culturais relacionados a ela e o que seriam as principais evidências científicas a este respeito envolvendo estudos desde a segunda metade do século XIX até os dias atuais. Também são apresentados relatos específicos de dois médiuns relevantes: Leonora Piper, de Boston, EUA, com pesquisas conduzidas pelo filósofo e psicólogo William James, e Chico Xavier, de Pedro Leopoldo e Uberaba,

Brasil. Em seguida o capítulo apresenta outros estudos sobre a mediunidade, para, por fim, apresentar os pontos fortes e as limitações das principais explicações alternativas à hipótese da sobrevivência como as fraudes, acasos, automatismos ou distúrbios neuropsicológicos e percepção extrassensorial. Sobre as experiências de quase morte (EQM) e experiências fora do corpo (EFC), trata-se de “experiências incomuns, extraordinárias, frequentemente transformativas e vívidas, que ocorrem em condições de ameaça de vida” (p. 42), possuindo semelhanças em seus relatos no tocante à percepção de se ver fora do corpo, observando-se a partir de um ponto de vista exterior, sensação de paz, observação de familiares junto ao corpo do “falecido”, visão de seres de luz e experiência de retorno ao corpo. De maneira semelhante à quando tratam da mediunidade, os autores apresentam algumas estudos e pesquisa acerca destas experiências e constatam que muitas vezes geram mais assertividade em relação ao dualismo mente e corpo que à sobrevivência após a morte propriamente dita. Os relatos mais impressionantes acerca de EQM são os que dizem respeito às EFC, sobretudo a partir de realidades em que há parada cardíaca ou aneurisma, em que o cérebro deixa de ser funcional e há, ainda assim, a experiência de “percepções verídicas”. Para corroborar estas informações, os autores apresentam alguns relatos de casos a este respeito, assim como fornecem “explicações alternativas” aos mesmos.

O capítulo 6 com o título “*The weight of the whole body of evidence for life after death*” (em tradução livre: “O peso da totalidade de evidências sobre a vida após a morte”), analisa as implicações das evidências apresentadas na obra para a crença na sobrevivência. Primeiramente o capítulo apresenta as quatro possíveis argumentações sobre esta temática, que seriam, a fraude e a fabricação inconsciente da mente, consideradas as mais “convencionais” (p. 61) e as não convencionais no tocante às concepções fisicalistas: o Agente Vivo Psi (LAP – *Living Agent Psi*, em inglês, mas comumente chamado de Percepção Extrassensorial – *Extrassensorial Perception*, ESP, na sigla em inglês) e a Sobrevivência. A hipótese da sobrevivência da consciência, contudo, só se sustenta quando associada às demais três argumentações. E sendo assim, baseados num “dualismo pragmático” como hipótese de trabalho empírica (p. 62), os autores afirmam que o ser humano possui dois aspectos: “o corpo físico e

algo além que sobrevive à morte do corpo” (p. 62), sem, no entanto, entrar em questões metafísicas como o monismo, o dualismo ou a compreensão de que o ser humano é composto por mais aspectos. Por fim, na sequência, os autores afirmam a importância de estudos baseados na triangulação de informações e discorrem mais detidamente sobre as hipóteses alternativas à sobrevivência, como a fraude, o acaso, a cryptomnesia, as construções da mente inconsciente e outras convencionais origens para a afirmação da sobrevivência. Recebe, também, especial atenção, as perspectivas não convencionais, como a LAP.

No capítulo 7 “*Cultural barriers to a fair examination of the available evidence for survival*”, “Barreiras culturais a um exame justo das evidências disponíveis para a sobrevivência” em tradução livre, os autores afirmam que a hipótese da sobrevivência é a resposta mais simples para a grande gama de evidências encontradas. E discutem as principais barreiras para uma análise imparcial acerca destas evidências. Segundo suas concepções, esses obstáculos estariam mais associados e apoiados por críticas pseudocéticas do que por pesquisas rigorosas ou demonstrações filosóficas. Ao contrário da verdadeira atitude cética de exigir evidências para a sobrevivência, a rejeição delas *a priori* com base em dogmas fisicalistas é uma atitude essencialmente não científica. No entanto, por não seguir as regras do pensamento crítico, essa tentativa não ofereceria nada mais do que uma aparência de ceticismo ou racionalidade. Embora os autores aleguem que contraprovas seriam bem-vindas à discussão sobre as possíveis evidências de sobrevivência, raramente se tem o benefício de uma oposição bem fundamentada. Assim, sustenta-se que para superar essas barreiras e oferecer uma análise justa das evidências de sobrevivência seriam necessárias duas etapas principais: a desconstrução de suposições filosóficas, históricas e metodológicas fisicalistas e antiespiritualistas equivocadas e a apresentação de análises justas de todo o conjunto de evidências que sugerem a sobrevivência da consciência.

Por fim, na “Conclusão”, Alexander Moreira-Almeida, Marianna de Abreu Costa e Humberto Schubert Coelho entendem que com uma mente racional, rigorosa e aberta é difícil resistir à conclusão de que a sobrevivência da consciência humana após a morte corporal permanente é um fato da natureza. E

afirmam que essa tem sido consistentemente a conclusão alcançada pela grande maioria da humanidade, incluindo aqueles que realizaram uma análise filosófica e científica cuidadosa. Desta forma a melhor evidência da sobrevivência seria a convergência convincente de descobertas de dezenas de cientistas altamente qualificados em uma ampla gama de experiências anômalas (mediunidade, aparições, ELE, EFC, EQM, CORT, etc.) que se reforçam mutuamente porque apontam para a mesma conclusão: a sobrevivência da consciência. Rejeitar as explicações sobrevivencialistas para essas descobertas exigiria postular, simultaneamente, uma sequência de suposições e fatos muito improváveis. A sobrevivência seria a explicação mais simples, abrangente e natural para os dados empíricos.

Finalizando esta resenha, trata-se de obra a ser lida e levada em consideração, capaz de propiciar reflexões e favorecer mais pesquisas sobre o assunto. Sobretudo para os que se dedicam a este tipo de questão, pois traz uma grande gama de pesquisas, estudos e abordagens, mesmo que, muitas vezes, sintéticos. Há que se cuidar, entretanto, como os autores o fazem, de ceticismo não científico diante de tais fenômenos, assim como de pressupostos *a priori* que condicionem as leituras das narrativas.